

Mas entre ellas uma ave, escura como a noite,  
Despreza a doce paz de um canto onde se acoite.  
Sóbe qual uma flexa ás nuvens; desce, roça  
A espuma. Ri, gargalha, o estrepito escutando  
Da agua na penedia, e quando o vento a acóssa  
Rodopia a gritar qual demonio execrando.

Pelo frio estendal, que a vista não abrange  
Das aguas, o Albatroz furiosa nenia tange,  
Dura como o rumor das ondas desgarradas.  
E a ave negra zarguncha os ares doloridos  
Soluçando canções e barbaras grasnadas,  
Gargalhando, a fremir, estridulos gemidos.

Ei-lo altivo, affrontando a lúrida procella,  
Como escairo de treva a macular a umbella  
Do firmamento. Clama, estende o olhar, prescruta,  
Sonda as nuvens e baixa ao Mar de aguas hediondas,  
Como que deslebrando a pavorosa luta  
Dos mares e dos céos, das rochas e das ondas.

Como um traço de fumo ou trevosa fagulha,  
Inda uma vez se eleva e rapido mergulha  
No regaço feral das nuvens agoirentas.  
E, impassivel e audaz, escuta o fero embate  
Dos ventos, e o rugir das aguas, que, violentas,  
Rolam no entrechocar do intemino combate.

Com os roncões da procella, apenas os seus gritos  
Rebôam na amplidão dos ares infinitos  
Num fero gargalhar de orgulho e de ironia.  
E por sobre o estridor seu vulto negro, apenas,  
Paira altivo e a zombar da furia e da porfia  
Dos mares e dos céos, que elle acha inda pequenas.

E quando tudo volta á placidez antiga:  
— O Oceano murmurando uma doce cantiga  
De amor, os céos, azues, plenos de cirrus brancos  
A voejar — quando tudo, enfim, á calma volta,  
Elle as da côr da noite immensas azas solta  
Pela aspera extensão das rochas e barrancos.

E olha aqui e olha alli, vendo os estragos, vendo  
Os traços do combate agigantado e horrendo;  
Mas um pio, siquer, de angustia soberana  
Lhe não parte do peito. Indifferente passa  
Por tudo aquillo, e estende a vista e o olhar explana  
Pelos vivos signaes da monstruosa arruaça.

\*\*\*

Coração que palpita  
Dentro desse que vive em ancias infinitas,  
Artista, sonhador ou visionario, escuta:  
— Jamais te dê cuidado a pavorosa luta  
Dos homens ou dos céos. Zomba de tudo, zomba  
Do que hoje vê a luz do mundo, do que tomba  
Para a triste algidez do tumulo! Gargalha  
A's faces desse Deus que a dor e a morte espalha!  
Sorri, como o Albatroz, das coleras insanas  
Da natureza, e ri das coleras humanas!...

Crê somente no que és, no que vales. Confia  
Em ti mesmo, e serás glorificado um dia.

## EU

Manhã cedo. Lateja um frio immenso  
Por tudo. O vento geme. A chuva, fina,  
Cobre os vitraes gelados como um lenço  
De incorporea, impalpavel musselina.

Ha nas lages das ruas, nos telhados,  
Da folhagem nos verdes labyrinthos,  
Uns tons vagos de luz, quasi apagados,  
Como imagens de sonhos quasi extinctos.

Eu... sosinho a pensar coisas atôa  
Que nada exprimem, que não dizem nada,  
E o pensamento estende as azas, vôa,  
Numa ancia de subir illimitada.

Na torre da cabeça, atraz, occulto,  
O cerebello, monstro que não dorme,  
Faz de um vulto pequeno um grande vulto,  
De um quasi nada alguma coisa enorme.

Quero esquecer que existo. Em vão! Trabalha  
Algo dentro de mim que arfa e se agita.  
Sou no meio do frio uma fomalha  
Eterna, inapagavel, infinita.

... E eu a pensar: "E esta ancia que não domo?...  
Ai! que minha alma conturbada exale-a!...  
Quero as idéas me illuminem como  
Phosphorescencias o alto mar, na Italia..."

Alguma cousa em mim vezes se muda  
Sem que outra cousa eu por accaso evoque:  
São venturas dulcissimas de Budha  
Transformadas no rito de Moloch.

E eu fico a olhar pelos vitraes o baço,  
Amplio horizonte, mysterioso e infindo.  
— Surgem raios de sol cortando o espaço  
Como sonros que viessem resurgindo.

## ULTIMA

— As esperanças? Pobres dellas! Quanto  
Tempo já faz que se me foram!... Creio  
Que no passado estio inda uma veio,  
Mas depois, foi tambem, deixou-me o pranto.

E hoje que á terra envolve o triste manto  
Do tredo inverno, pezaroso e feio,  
Lembro-as todas, das lagrimas em meio,  
Todas... E a todas eu queria tanto!...

A cada uma que foi, cada uma dellas,  
Inda conservo o seu logar vasio,  
Calmo, sem tempestades, nem procellas.

E agora, triste e desolado, aninho  
Na alma a esperança, que se esvae de frio,  
De encontra-las ainda no caminho.

## PSYCHICO

Julgas que te esqueci. Julgas, e o pranto  
Irrompe dos teus olhos, gotta a gotta,  
Desses teus olhos que brilharam tanto  
E onde hoje um desespero atroz se acouta.

Como um triste batel de vela rôta  
Num mar em furia, vês teu sonho, emquanto  
Um vento frigido e glacial te açouta.  
— E olhas o cháos e o vacuo, toda espanto.

Eu, que amo o soffrimento e adoro a magua,  
Que fere e rasga e supplicia e aterra,  
Gosto de ver teus olhos cheios d'agua.

Si és capaz de querer um corpo exangue,  
Segue minh'alma que nos ares erra  
Aureolada de lagrimas de sangue.



Domingos Paes **BARRETO CARDOSO**

*é de S. Miguel onde nasceu a 8 de setembro de 1888.*

*Estudou em Maceió as humanidades e, depois de quatro esbornias estudantescas, trouxe do Recife, em 1910, o canudo de Bacharel e um croisêe que acabou como depósito de peixe frito.*

*E' polygrapho de talento e de juizo: até hoje não publicou um só livro, apesar de escrever muito.*

*Desde 1918 está na Directoria da Instrução publica.*

## SEIOS

### I.

Seios que eu vejo, tumidos, pulsando,  
Vivos, na transparencia dessas rendas,  
Occultos e medrosos, evitando  
De gulosos olhares offerendas;

Seios de virgens que de quando em quando  
Fremem, lembrando amores, ricas prendas  
Que ostentam, docemente palpitando,  
Esculptura castissima de lendas,

Seios — fructos pagãos, carne que está,  
Cujos botões semelham pinceladas  
De tintas do sol pôr, dentro da lua;

Seios que dão promessas e desejos,  
Seios de noivas, flores invioladas  
Promettidas á nupcia dos beijos!

### II.

Seios gentis, divinos e perversos  
Das delicias do amor gemeos emblemas  
Que roubam ao poeta os mais sentidos versos  
— Seios, roseos ladrões de tantos poemas!

Que lindos são, quando se enrijam, tersos,  
Como formosas, escondidas gemmas  
Ou se conservam na indolencia immersos,  
Se a alma prescruta apaixonados themes.

Seios virgens! por certo que isso é bello!  
— São dois pajens irmãos sonhando amores  
Nas ameias de jaspe de um castello!

São lagrimas de luar petrificadas  
Onde o sol imprimiu, num beijo, as côres  
Das duas pontas candidas, rosadas.

### III.

Lindos assim, tão lindos e insuspeitos  
Se afiguram na terra! Muito embora  
Sejam d'arte o idéal, dos mais perfeitos.  
Sejam do artista o encanto de toda hora.

Do meu pensar nos carceres estreitos  
Onde o culto do bello se avigora,  
Sinto que elles não vivem satisfeitos  
Na pura abstinencia que os devora.

Sonham fortes prazeres ignorados,  
Têm a doce visão appetecida  
De mysterios profundos e sagrados,

Do tempo a vir e em que, formosa idade!  
Não provocam paixões, porem dão vida  
Purificados na Maternidade.

## CUPIDO

E's Cupido, o bonissimo traquinas  
Que fere as almas todas em segredo  
E tem caricias fundas e assassinas  
Que attrahem tanto, quanto causam medo.

Ninguem foge ao teu grande e eterno enredo.  
Vives juntando boccas purpurinas  
Para o mysterio delicioso e lêdo  
Das venturas que, breves, são divinas.

Muitos te querem mal — sendo infelizes.  
Outros ditosos são — chamam-te santo.  
E nessa variedade de matizes,

Eterno segues — grande pescador  
Fisgando corações por todo canto  
Para a peixada opipara do amor.

## COLHEITA

Outomno, de manhã. Na paleta infinita  
Do espaço o sol prepara as tintas do crepusculo.  
Accorda a natureza. A vida resuscita  
Despertando o vigor dentro de cada musculo.

O trabalho retoma o curso quotidiano  
Emquanto doura o sol o cabeça dos seios  
Longinuos, semelhando ao meu olhar profano,  
Para as almas em magua, abençoados destertos.

Uma nova caricia o rocio nos prodiga.  
Em bando, o passaredo alacre esgrime e avoeja.  
Nos rostos e no olhar de cada rapariga  
Algo existe de bom que a gente ama e deseja.

Ellas passam entreabrindo os lábios côr de rosa  
Collos nus, braços nus, em bucles os cabellos  
Esparsos, sobre o alvor da espadua alva e cheirosa,  
Lembrando, a luz do sol, destrinçados novellos.

Seus pés vão trucidando a selva dos caminhos.  
Lesto o orvalho se apêga á carne alva e desnuda  
Que um perfume subtil de avenca e rosmaninhos.  
Cheiro de carne sã, moça e sadia, exsuda.

Uma, de um passo em falso, entre a selva se estende.  
Fica no solo a rir, as pernas desnudadas  
E essa brusca visão dessa carne que explende  
Vale mais para mim que um cento de alvoradas.

Eu vejo um signalzinho, adoravel, plantado  
No epiderme onde o olhar, é máo ser consentido,  
Que me lembra um rubi em pellucia guardado,  
Uma gotta de sangue em marmore polido.

Est'outra vem passar rente e rente commigo,  
Para que meu olhar curioso olhe e se ageite  
A contemplar-lhe o seio — o mysterioso abrigo  
De um roseos colibris, irmãos gêmeos de leite.

E eu, poeta que admiro os risos e as auroras,  
Tudo que é bello e tem um quê de original,  
Seja o canto subtil de uma flauta a deshoras  
Ou do sol sobre um lago um raio em vertical,

Vendo-as todas passar, frescas, purificadas  
Pelo banho lustral do morno sol nascente,  
Tenho inveja aos trigaes e ás espigas douradas  
Que dellas vão sentir o contacto ardente.

E penso, por meu mal, numa colheita enorme  
E palpita, alli mesmo, uma ceifa de beijos  
Nos lábios onde esporta o amor e o riso dorme,  
Nos braços nus, por tudo onde avoejam desejos.

Numa colheita assim, nem vale ao pensamento  
Matutar, que seria, adorada illusão!  
Para as virgens em flôr, certo, um deslumbramento  
E para a alma do poeta, uma resurreição!

## TENTAÇÃO

Magdala, a flôr do lodo, uma caricia e um beijo  
Do Christo aos pés supplica e anceia, esbelta e linda.  
Tumido, o seio branco ondula de desejo,  
Lascivo, o olhar revela a interna sêde infinda.

Na systole se enfrena o véo que a poma occulta.  
Na dyastole rétrae-se. Oh, doido coração  
Que leva ao labio o amor que a um Deus franzino insulta  
E á carne insatisfeita o espasmo da paixão!

— Jesus, meu doce amado, oh meu senhor, consente...  
Colhe o favo mellifluo... haure a ambrosia do amor  
Nos meus olhos que têm lampejos de sol quente,  
Nos meus lábios que a febre enerva de langor.

Estes seios por ti palpitando se enrijam  
Na ancia de serem teus, num voluptuoso encanto.  
São brancos como a neve e... então? não vês?... precisam  
Que lhes afflore a pelle o teu halito santo.

Porque evitas, Jesus, a esplendida Magdala?  
Todos buscam possuir meu regio corpo e apenas  
Ao meu primeiro olhar, á uma caricia, a uma fala  
Rendo o Mundo aos meus pés. Porque tu me condemnas?

Mas Jesus vae passando e fugindo á sereia  
Cuja voz não consegue abrandar seus rigores.  
Olha apenas o luar. Somente a lua cheia  
Goza da cortezã os regios esplendores.

— Olha, senhor! exclama a impudica amorosa,  
E as gazes dilacera e ao solo as rendas lança.  
Olha-me agora, oh Deus! vê como eu sou formosa  
Vê que dois lindos pés onde a graça descança.

Não fujas. Vem a mim. Pertenço-te, Jesus!  
E' possível que nada o teu desprezo vença?  
Debalde e embalde Magdala abre os braços em cruz,  
Palpitante calvario erguido á dor immensa.

Então dentro da noite, entre queixumes e ais,  
Ella fica a pensar, nú, branca e de pe':  
— Esse Christo parece ou ser santo de mais  
Ou então, por meu mal, nem mesmo humano elle é.

O Christo vae seguindo, as mãos juntas, em prece...  
Traça-lhe a estrada o luar e elle invoca a amplidão.  
Na fronte o halo reluz. Move os lábios. Parece  
Vibrar pelo infinito um psalmo de perdão.

Magdala fica emfim sosinha e desprezada.  
Cora, soluça e aranha os espaduas desnudas.  
Ao longe, o vento agita a clamyde sagrada.  
Vê que lhe morde a carne, então, o olhar de Judas.

Conhece num momento a infamia que a acompanha.  
Convulsa ageita ao corpo os farrapos de gaze  
E dentro o coração, numa cadencia estranha  
Pulsa de um grande amor que a desfallece quasi.





Francisco Henrique MORENO BRANDÃO

*E' de Pão de Assucar.*

*Alli nasceu no dia 14 de setembro de 1875.*

*Fez o curso de humanidades em Penedo, Aracajú e Maceió, foi funciionario da fazenda estadual, conseguindo depois uma cathedra na Escola Normal, donde insiste em querer ensinar a humanidade.*

*E' um trabalhador incarçavel e pertinaz e, certamente, sua actividade nos daria maiores e mais bellos fructos se não fossem as variadas molestias graves que o cerebro lhe crêa para o corpo.*

*Ainda verde foi poeta. Pudera! Não fosse elle brasileiro e do Norte.*

*Vasta collaboração na imprensa periodica e alguns volumes publicados recommendaram-no a uma cadeira da Academia Alagoana.*

### NO S. FRANCISCO

Calmaria intensa e morta!...  
O sol rutila e flammeja...  
Uma vela que branqueja,  
Nas aguas paira absorta.

Queda a canôa possante,  
Que a correnteza tem força,  
Por mais que lute e se estorça,  
Custa a levar para diante.

Refulge o sol no penhasco  
Negro, que alto se erige,  
Com a violencia de um carrasco,  
Que a imbelle victima afflige.

As aves, tontas, baixando  
De um já cansado remigio.  
No calmo verão nefando,  
Que pompeia seu fastigio.

Sobre a rocha dura, hiulca,  
Buscam asylo e repouso.  
Silencio religioso  
A seus pés tudo conculca.

Junto á vetusta corôa,  
De esforços grandes á custa;  
Desce o rio outra canôa  
Em marcha solemne e augusta.

E o sol de seu solio immenso  
Poreja, verte, derrama,  
O calor, o fogo, a chammea  
Do rio no praino estenso.

### VERSOS DE OUTR'ORA

A silva densa, o colle e o arroio turvo  
Inda se vêm alli... E' o mesmo o pouso...  
O valle que se alonga ermado e curvo  
Listrado de um caminho sinuoso,  
Ainda abriga, a perdurar recurvo,  
Esguio tronco erecto ou sarmentoso,  
Arv'eres umbrosas e o mital bravo  
E os mansos bucolismos do armentio.

Nos galhos murchos, ruínas do arvoredo,  
Balouçam ninhos aos tufões do norte...  
Cuaia no bosque, aereo citharedo,  
A mesma brisa estertorosa e forte.  
Nada mudou. No asperrimo fraguado  
Impera rija a maninhez da morte,  
Viçando em cardos de febris cladodios,  
Espinescentes, rorejantes de odios.

O sol é o mesmo e as almas se gelaram!  
O vergel de illusões primaveris,  
Quando as zinas do estio flammiejaram,  
Viu murcharem as rosas, mais gentis.  
As folhas desbotadas se crestaram;  
Jazem hoje sem brilho e sem matiz.  
Quanta mudança em nós!... E o floreo ninho  
Tem como outr'ora as usneas do carinho!...

Não recordemos, não, os aureos dias  
Dos occasos de sangue em pleno Agosto:  
Relembremos somente as alegrias,  
Que enrubeceram o teu lindo rosto.  
Nem soluçantes, flebeis monodias  
De aves saudosas dêem-nos o desgosto.  
De ouvil-as, entre brumas de saudades,  
Aos meigos sons plangentes das trindades.

### SORRISO DE DANUSIA

Teu sorriso desvenda um céu faustoso,  
Que a estrella Vesper lucilante doura,  
Onde mora a alvorada inspiradora,  
A gloria, o sonho, a floração do goso.

Devia ser assim tão luminoso,  
De gracil expressão encantadora,  
O sorrir de Jesus na mangedoura,  
Feliz, tranquillo, em placido repouso.  
Existe nelle a fé e o meu conforto,  
Alegria de nave entrando um porto,  
Manso, azulado, cáldo, risonho,

Depois de longas excursões tremendas,  
Entre gelos, borrascas, estupendas,  
Num paiz procelloso, atro e medonho.



## SONETOS

Flammeje, raive o sol incendiando o infinito,  
Na impiedade sem fim de inconsciente assassino,  
Dando á terra a illusão do paiz do beduino,  
— Longo Sahara deserto, esbrazado e maldito;

Clame todo mortal, no clamor do proscrito,  
Role a fragua lethal, no igneo furor tigrino,  
E de fome e de sêde, ante o negro destino,  
Surja, de cada canto, a apostrophe de un grito;  
— E' de ver do rochedo, o alvo riso de pedra,  
No alto fitando os céos da montanha escavada,  
Onde o ar é tão mais puro e o lodo vil não medra...

E impassivel ao sol calcinador adusto,  
Lembra, do grande amor no throno alcandorada,  
Ante a furia dos mãos, a alma stoica do justo!



Assim louro e immortal, assim no Céu, na terra,  
Em toda parte, assim, deste mundo tão vario,  
Onde, a tudo que existe, a luz se lhe descerra,  
O sól se me affigura um Christo extraordinario!

Quando, em sangue, no Poente, á vida os olhos cerra,  
Deixa uma Religião e a Magua de um Calvario,  
Resurgindo, depois, na apothese que encerra  
A gloria da Ascensão, no seu percurso diario...

Christo da Religião do Calor e da Vida,  
Que ha de, eterno, espalhar, na sua eterna lida,  
Pela Alma Universal, que o seu poder conduz!

Christo, que tudo crêa em breve tempo, quando  
(E em tudo vae o Sól o outro Christo imitando!)  
Ao cháos da Noite arranca o Universo da Luz!



Volta, agora ao passado, a memoria esquecida,  
E, em tudo que elle foi, revivel-o procura...  
Era-te a vida assim, na descuidada e pura  
Phase aromal da infancia, alheia á propria vida?

Era-te a vida assim—folha ao sol resequida  
Para os vae-vens, pelo ar, com que o vento a tortura?  
Não era o riso bom, á toda hora, á ventura  
De não pensar ser, breve, essa phase perdida?

Volta, agora esquecida, a memoria ao passado.  
Faze, d'alma de moço, essa alma livre e antiga,  
Uma hora ou, se não tanto, um minuto, um segundo...

Que transfiguração!... Já não te vês cercado  
Do odio vil, da calumnia e da inveja e da intriga...  
— Infancia! Se ella fosse a idade unica no mundo!...



Aureo manto a velar sonhos bons de noivado  
A' tua fronte ideal, numa unção protectora,  
Onde o teu elevado espirito enthesoura  
O que de joias tens no espirito elevado...

Teus cabellos! — assim como um valle encantado,  
Florescendo em trigaes, em farta mêsse loura,  
Quaes, do remoto Egypto, os que o sól beija e doura  
A's caricias vitaes do seu Rio Sagrado...

Magdala, que encontraste o Christo predilecto!  
Christo, que não mais vê dias de dor, sombrios,  
Em Nazareth do sonho, onde medra a Esperança.

— O lotus immortal do Jordão desse affecto,  
Ao fulgor deste Sol que se derrama em fios:  
— Teus cabellos da côr do meu anel d'alliança!



Qual se não lhe bastasse a altura em que nos tenta,  
Cioso do fructo, hostile, o cardo o espinho eriça,  
Põe-no ao chão, quando o fructo abre a polpa sangrenta  
Para defeso o ter aos braços da cobiça

Dado é apenas, de longe, á vontade sedenta  
Inflamar-se no olhar, ao ardor que a sêde atiga,  
Por isso, tanto mais no olhar a sêde augmenta,  
Quanto, para tocal-o, é a vontade submissa...

— Tua bocca! — illusão do cardo hostile, daminho...  
— Rubro pomo aromal do meu rubro desejo...  
Mas teu pudor é assim como do cardo o espinho:

— Dá-me apenas a mal dos desejos a fluxo,  
Nunca o bem de estancar a sêde do meu beijo,  
Augmentando este ardor com que os olhos lhe agoço!



Has de ser sempre a justa e suprema vaidade,  
De quem só aprendeu a infinita doçura  
Que ensina o teu amor, nesse ideal de bondade  
Que as primicias do bem para mim só procura...

E é porque — bem o vês! — o espirito não ha-de  
Nunca se escravisar á fugaz formosura,  
Como a que no teu corpo esplende em suavidade,  
Que a minh'alma assim fez a tu'alma tão pura...

Baste, ao teu coração, esse encanto supremo  
Da belleza moral que te eleva ao extremo  
Do orgulho deste amor, que esta belleza ensina...

Tu! — a Deusa da fé, que te faz derradeira  
No sacrificio bom, de minha vida inteira,  
Desse Culto, que é o teu, que também me illumina!



Ancia de aza, infinita! Ancia ignota, perdida  
Na esperanza, onde vae, desse verde dos mares,  
Quando, á Magua — Immortal dos tons crepusculares,  
Em plagas, que não vês, buscas, longe outra vida!...

Onde abrigo acharás, quando a noite descida,  
Negra, assim do negror dos mais negros pesares,  
For no alem do Sem-Fim, sem pharões estellares,  
Sem bussola de luar, — pelos ventos batida?

Ancia de aza, infinita! — ancia eterna do Artista,  
Dominando o negrôr do Alto Mar das Paixões,  
Que, dos nullos, somente o olhar profano avista!...

Não lhe importa o destino... Ao que este mar encerra  
Foge, buscando a luz de outras Bellas Regiões...  
E, como a aza, no Mar, vae triumphando na Terra!



De tardinha, o ar cheiroso, em flor a estrada,  
Onde, á fresca, é de vel-a tão bonita,  
Inda alheia aos amores, descuidada,  
Na estrada o olhar dos rusticos evita...

— E' a morena da serra, a enfeitada,  
A mais cheirosa flor que alli palpita!  
Quanta alma de serrano, apaixonada,  
Tenta colhel-a á paz onde ella habita!

Em vão, sentida, a tróva sertaneja  
Geme, ás noites de luar, no alvo terreiro,  
Té que no céu não mais o luar se veja...

Mostra-lhe o sonho, então, flores e ninhos,  
Que ama e escuta, somente, o dia inteiro  
Tímida, ingenua como os passarinhos!



FERNANDO de MENDONÇA

*ou Fernando Mendes de Oliveira Mendonça, é do Pilar, onde nasceu a 2 de junho de 1895, entre aromas de incenso e funcho, como o afortunado Jacintho de Eça de Queiroz. Cercaram-lhe o bercito arrendado trez formosíssimas fadas:*

- Serás poeta, disse a primeira.
- Serás bello, disse a outra.
- Serás rico, disse a ultima.

*O pimpolho partiu vida a dentro com vontade e quando chegou ao collegio era poeta; abandonou o cilicio do internato, fez gymnastica e era formoso; requereu supplemento de idade e era rico.*

*Cumprido o fadario, attentou o poeta nas maravilhas do mundo e ficou deslumbrado. Cantou e prosou em varios volumes; gosou a seu getto e a seu modo; foi original, contradictorio, independente, indulgente, perverso, ingenuo, cinico...*

*Fez tudo que enterdeu, e, um dia, quando meteu a mão na algibeira para pagar o almoço, não lhe achou vintem: voaram-lhe os amigos e tresentos contos de reis entre o adormecer e o acordar. E, comtudo, vive!*

*Ao destino do poeta faltou apenas o oraculo de uma quarta pitonisa que lhe gritasse aos ouvidos: —Terás juizo, Fernando!*

## POEIRA RUTILA

Vestido simples da pobrêza,  
De pés descalços pela rua fóra,  
Olho-a na sua candida belleza,  
Sem carmim, sem retoque, bem outrora  
Venus e Hellena—archetypos da graça

E da perfeita formosura!  
Como me punge e encanta a atroz desgraça  
Dessa tranquilla e humilde creatura,  
Murmuro filamento de Castalia,

Fructo de mádido arvorêdo,  
Que é essa seivosa e incomprehendida Analia,  
Flor equatorial do meu segrêdo!  
Quando lhe eu falo thermico, de amor,  
Passando a dextra pelo seu cabello,  
Os olhos baixa mortos de pudôr  
E eis que me eu sinto num montão de gêlo!

Mas o coral da sua bôcca  
Logo me esquento o coração revel:  
—Fica-se-me a alma refervendo, louca,  
E em vão me furto da paixão cruel!  
Conto-lhe a historia pulchra de Romeu.  
A paixão de Julieta... e ella resiste!  
Nada perturba e espanta o peito seu!

—Fita-me, pallida e tão triste,  
E tão desconfiada e receiosa

Ante os meus olhos ella assoma,  
Que lembra Helena desmanchada em rosa,  
Ou branco lirio em syncope de aroma!  
Quando lhe beijo as mãos, em despedida,  
Deflora-se-lhe aos labios um sorriso,  
Que parece uma lagrima sentida  
Sobre essa minha falta de juizo...  
E eil-a com a pallidez de uma camelia  
No seu florido caule virginal.  
Quando o romance tragico de Ophelia  
Eu lh'o narro contente por seu mal...  
Conto-lhe o enrêdo olympico da Musa,  
Recito-lhe poesias de Anto Nobre,  
Toda a lenda de Alpheu e de Aretusa,  
E ella me escuta, ricamente pobre,

Sem um só gesto, um só olhar  
De alegria ou tristeza vasta e intensa,  
E uma phrase não tem a declamar  
No vortice de ingenua indiferença!  
Relembro-lhe, sem falha, a soberana,  
Dynamica amizade, o amor violento,

Da linda soror Mariana  
Transfigurada ás grades do convento,  
Tudo minha alma aos olhos seus revela!  
Apresento-lhe a audacia encantadora:  
—Cleopatra, Beatriz e Graziella,  
Desdemona, Francesca e Eleonora!  
Porem inutil! a esmo continua!...  
Nada lhe altera o frio coração!  
Ella é a poeira rutila da rua  
Turbilhonando ao vento da emoção.  
Dir-se-ia que não vibra aquelle peito,  
E aos crimes da paixão se não atreve!  
De tão gelada, que me faz desfeito,  
Só me parece um floculo de neve...  
Se lhe pergunto que amargura sente,  
Que profundas saudades ella tem,  
Responde, sem sorrir, que está contente,  
Jura... jura por Deus que me quer bem...

E eu, fervoroso, creio em tudo,  
Creio em todas as cousas que me diz,  
E ao rever-me em seus olhos de velludo,  
Sinto-me puro! sinto-me feliz!



## CONDOR

Azas soltas no espaço, as alturas buscando,  
O Condor vae fazer uma subida brusca.  
Grande no seu desprezo ao mundo miserando,  
Os páramos do azul garbosamente busca.  
Vôa, corta no céu, de um rasgo formidando,  
A infinita amplidão que o seu furor rebusca.  
Vae subindo, subindo... e nem vacilla quando  
O sol a reluzir o seu olhar offusca.  
Vôa, sobe e se perde altivamente no alto,  
Olympico, viril, sem ter um sobresalto,  
No supremo desdem de quem morre sorrindo!  
Condor do sonho, audaz, quero galgar a gloria...  
Subir sempre, ascender, em busca da Victoria...  
Voar, subir, subir mais, morrer assim subindo!

## CEGONHA

Como quem vive só, sem ter goso, a Cegonha  
Procura a solidão de um regato silente.  
E na calma quietitude harmonica do poente  
Fica muda a scismar, pensativa e tristonha.  
Ao angelus, amarga, uma angustia medonha  
Punge como um punhal seu peito acerbamente.  
Vendo o sol que se esvae, rubro de sangue, sente  
Os extases e a dôr dos que são tristes... Sonha.  
Quando a noite apparece, enorme, aterradora,  
Enroupada na côr feral do desengano,  
Não se move, nem ri, nem soluça, nem chora!  
E deixa-se ficar, abandonada, calma,  
Como se assim possuisse um soffrimento humano,  
Ou se uma alma de poeta ella tivesse na alma.

## SONHO DE ROMA

(EXCERPTO)

Noite... Plena mudez. Pelo espaço nem uma  
Nuvem tolda o esplendor da celeste luzerna.  
Soluça o Tibre. Perto, envolta em leve bruma,  
A' luz fulva do luar, dorme a Cidade Eterna.  
O vetusto Pantheão, o Coliseu, o Foro  
Erguem para o infinito os braços combalidos.  
E a gente pensa ouvir, como um dolente choro,  
O clamor de seu grito e a dor de seus gemidos.  
E Roma sonha. Em seu espirito, cansado  
Da lucta pela vida através das edades,  
Passa como um remorso o espectro do passado  
Tristemente a evocar lembranças e saudades.  
Romulo e Remo agora. Um tomba morto  
Na lucta fratricida. E depois as Sabinas.  
Roma surge do mal, rubra como um aborto,  
Talhada para o amor das guerras assassinas.

Passa o Reinado assim. Depois vem a Republica.  
Patricios e plebeus em contenda que dura  
Até que a plebe, que faz jús á cousa publica,  
Consegue enfim subir para a magistratura.

Guerras punicas. Toda a Italia é conquistada.  
Carthago em Roma! Então, ao pé do Trasimeno,  
Dois exercitos vão, na liça encarniçada,  
Tingir de sangue a côr do lago amplo e sereno.

Roma vence. Carthago é hoje feita escombros.  
A Grecia é reduzida a provincia romana.  
Depois, numa expressão de tragicos assombros,  
Vem Scylla contra Mario em lucta sobrehumana.

Finda-se o Triumvirato. A conquista da Gallia  
Faz o odio entre Pompeu e Cezar. E, mais tarde,  
Na batalha feroz que se trava em Pharsalia,  
Cezar vence Pompeu, que foge de covarde.

Depois é proclamada em Roma a Dictadura.  
Surge a conspiração no seio do Senado.  
Bruto se adianta, tira o punhal da cintura,  
Cezar vacilla e cae por terra apunhalado.

Segundo Triumvirato. Antonio busca o Egypto,  
Vê Cleopatra e se rende ao seu olhar siderio.  
Augusto parte, vence os dois, volta, e, perito,  
Sobe ao throno e começa a grandeza do Imperio.

Artes e Sciencia, Eloquencia e Poesia.  
Vêm Caligula após e Claudio e, por fim, Nero,  
Que se fez o mais vil imperador romano,  
O mais atroz, o mais terrífico, o mais fero.

Dão-se crimes sem par, morticinios sem nome...  
Incendeia-se Roma em lugares diversos,  
E, enquanto a chamma hostile tudo assola e consome,  
Nero, assomando, entôa os seus malfeitos versos.

Protesta o povo contra o incendio da cidade.  
E o verdugo decreta a morte dos christãos  
Como para encontrar, na loucura que o invade,  
Distração que minore os seus remorsos vão.

Abre-se o circo. O povo aclama Cezar. Do alto,  
O tyranno contempla a multidão rendida.  
Soberbo, vencedor, quase sem sobresalto,  
Pensa que ha de ser grande assim por toda a vida.

Os martyres da fé, tranquilos, sobranceiros,  
Surgem na arena para os dentes maus das feras.  
E, cantando orações, morrem como cordeiros,  
Entre garras brutaes de tigres e pantheras.

Depois, cresce a tragedia. O imperador sangrento  
Manda queimar na praça aquelles desgraçados.  
E a torpe multidão ri de contentamento  
E applaude Cezar vendo os miseros queimados.

Revolta-se o Senado e Galba se revolta.  
Nero foge e, sem força, enfraquecido, exangue,  
Suicidando-se, enfim, o ultimo alento solta,  
Afogado em volupia e coberto de sangue!

Flavius e Antonius vêm. Aparece após isto  
A phase militar. Reinado pretoriano.  
O Imperio é dividido e a religião de Christo  
Pompeia agora em todo o dominio romano.

.....



AGRIPINO ETHER

*nasceu em S. Luiz do Quitunde a 21 de julho de 1886.*

*Pensou em viver da congrua e nesse pressuposto entrou para o seminário. Nas vésperas do presbitério, porém, verificou que aquilo não era negócio e deu para traz.*

*Tratou de completar as humanidades, depois do que tirou carta de dentista na Bahia, por volta de 1909.*

*Faz larga clínica. Pois assim mesmo, a tratar do vestibulo do aparelho digestivo de meio mundo, este homem inda tem entranhas para fazer versos. E' heroico!*

*O poeta é da Academia alagoana de letras e, vez por outra, dá um saltinho da bocca dos clientes ás columnas da imprensa periodica.*

### PARA MARIA

De luto assim, vestiram-te de luto,  
Oh! pequenino ser, em que a franzina  
Razão mal surge aos poucos, verde fructo  
Que mal brotou na mente pequenina.

Contrasta com teu ser (negro tributo)  
O teu vestido preto. A dor ferina  
Se esconde na tu'alma de menina  
E o teu rosto innocente traz enxuto.

O luto é uma expressão da dor humana  
E a dor que mora n'alma não sentiste,  
A saudade que vibra soberana,

O desespero no intimo sentido  
Ao ver o que inconsciente agora viste  
E que tingiu de preto o teu vestido.

### URUBÚ

Pestíferos monturos revirando,  
A procurar nas podridões as cevas  
Com que te nutres, farto, aos ares levas  
A podridão, aos ares te elevando.

Negro ponto no azul, o azul roçando  
A' aza concava; e sobes mais, te elevas;  
Com as trevas do teu corpo, que é de trevas,  
A cortina das nuvens ennodando.

Sem temer a vertigem das alturas,  
Com o ether e com as nuvens te misturas  
Bem longe do rumor do humano passo;

Ora subindo vaes, ora descendo,  
Com o carvão de teu corpo descrevendo  
Geometricas figuras pelo espaço.

### AGONIA DA LUZ

Ha plangencias de sinos pelos ares.  
Em direcções certeiras, pelos mares  
Os ventos em surdina vão cantando,  
A esmeralda das aguas alisando.  
De vermelho se tinge a serra, alem,  
Restos de sol que a cor vermelha têm,  
A côr do sangue. E' de certo a agonia  
Da luz; as trevas já vem perto; e fria  
Cada vez mais a terra se tornando  
A cada instante, e a luz vae-se apagando.  
E resta apenas na amplidão deserta,  
Vermelho assim como uma chaga aberta,  
Um pedaço do sol, no desnudado  
Céo, sangrando luz ainda no incendiado  
Occaso, ao fim da linha, onde da gente  
O olhar não vae mais longe. E lentamente,  
Como um pulso que aos poucos vae fulgindo,  
De segundo em segundo se sumindo,  
Sumindo vae, até tombar no poente.

### AO MEO PAE

Derradeiro quartel da tua vida.  
Longo caminho andado. Erguido o porte,  
Negro o cabello, a fronte erguida e forte,  
Quando deixaste o ponto da partida.

E, sempre em busca do sonhado norte,  
Não te enfadou a estrada percorrida,  
E para a estrada aos olhos estendida  
Teu valor te impelliu e a tua sorte.

Chegaste agora do caminho ao termo  
Alvo o cabello, a fronte recurvada  
E o corpo pelos annos quasi enfermo.

Tua jornada, agora, já está finda.  
Sem forças para andar, fitando a estrada,  
Sentes desejos de seguir ainda.



## BRANCO

Sou o lys que trescala  
E os niveos agapanthos matinaes  
O jaspe, o silex, o alabastro, a opala,  
E a transparencia fina dos crystaes.

Sou a côr da neblina,  
E do lacteo clarão da lua fria,  
Das espumas da fonte crystalina  
E da rosa aromal — a flor de um dia!

Sou o lotus do Ganges,  
Dos cysnes mansos delicadas pennas,  
O scintillar de prata dos alphanges,  
Sou a côr virginal das assucenas.

Sou dos sonhos noivaes,  
Franja do mar — a vaga ingente e cêrula,  
A escumilha do manto das vestaes,  
Brilho na casta concreção da perola.

Na ossatura dos fosseis  
Vivo a lembrar as epochas primeiras,  
E inda vivo nos marmores indoceis  
E nas flores gentis das lorangeiras.

Sou a côr da pureza,  
Das cousas castas que o Eterno fez,  
Sou as lindas verbenas da deveza,  
Symboliso a brandura e a candidez!

Mas... traduzo o amargor  
D'alma a soffrer nos intimos refolhos:  
Ah! tambem sou a lagrima da dôr,  
Muda e tristonha a rebentar dos olhos!

## AZAS

Senhora, ainda tenho aquella  
fascinação de subir,  
como em quadros de aquarella  
azas de opala, a fremir.

— Azas felizes, risonhas,  
azas mansas! o brilhar  
dos astros maguas tristonhas  
sabe lenir consolar.

Deixaes, por isso, a sombria  
prisão de um ninho; o vergel  
tem seus favos de ambrosia,  
mas os nectarios de fel?

A terra, quanto queixume,  
quanta insidia não contem!  
No emtanto ha luz, ha perfume  
nessas alturas alem!

Na terra cresce a miseria,  
o cardo roxo do mal!...  
e a linda estancia siderea  
é doce á luz vesperal.

No espaço, quanta doçura  
embora longe da flor!  
Deve ser grata a planura  
onde não ha desamor.

Sois bem felizes, portanto,  
no immenso vacuo sem fim!  
Subis no mais doce encanto...  
Quizera subir assim!

Sois ditosas, sois, conheço,  
do azul no placido véo;  
e eu soffro muito — padeço  
a nostalgia do céu...

Ficaes por entre as estrellas,  
longe do mal e do pó;  
e eu entre as mulheres bellas...  
mas — que pena! — sempre só!

Não vos fére a magua ingente,  
o dissabor, nesse azul;  
entretanto, a dôr pungente  
fere, aqui, um'ave exul...

Subir! — um libertamento,  
— o mais ditoso esquecer  
da agonia de um momento...  
Vamos o azul percorrer?

Mas, azas brancas, sedentas,  
— cuidado! podeis no ardor  
do gyro tombar sangrentas,  
ao fuzil do caçador!

## EVOCAÇÃO

Onde, Pae, se espalhou toda a ternura,  
A bondade infinita que te ornava,  
Nesse laboratorio — a sepultura,  
Que a materia redime, a sérvia a escrava?...?

Onde paira essa luz que te animava,  
Fluido que chamam Alma? Onde fulgura?  
— No ether, na flôr, no mineral, na lava,  
Ou nas constellações da azulea Altura?

Dize para onde foste, o que ella aviva,  
O que a materia vil e dispersiva,  
Em segredo formou na agua, ou no prado?

Dá-me, Pae, a verdade: onde é que vibras?  
E's mesmo um'alma de sensiveis fibras,  
Ou o pollen de um lyrio immaculado?...?

## SELVATICO

Aqui, ouvindo o marulhar do rio  
vasto, sereno, límpido e bondoso;  
esse trinar do passaro eradio,  
terno, sonoro, dulcido, queixoso;

Da selva immensa o murmurar macio  
plangente qual um bandolim saudoso...  
é que acalento o coração vasio,  
sentindo a paz do verdadeiro goso!

Vive-se aqui muito feliz! distante  
dos máos; no seio da floresta ondeante;  
no amor ingenuo das gentis serranas...

Aqui noss'alma de gozar não cabe!  
nem sente a magua de viver nem sabe  
do veneno das coleras humanas!



TITO DE BARROS

## A LAGRIMA DA FILHA

Certa vez, a mulher, o seu unico estorvo,  
Ao vicio lhe ralhava, e elle, á filha dizia,  
Caindo-lhe ao regaço: « inutil; sorvo a sorvo,  
Beberei, quanto possa, á tasca, noite e dia... »

Gira-lhe o pensamento atribulado e torvo,  
Em sonho, e enquanto a moça afagos lhe fazia,  
Sente riscar-lhe o rosto a aza negra de um corvo,  
Em vez daquella mão delicada e macia...

Da virgem, feita em pranto, escrava a tanta magua,  
Tragando, mal desperto, a triste gota d'agua,  
O instincto, a mão vasia, aos labios lhe ascendeu...

Dias depois, a taça entre os dedos lhe brilha,  
Sente ferir-lhe a bocca a lagrima da filha,  
Corre, afflicto, a beijal-a, e nunca mais bebeu...

## AZAS

Alto, á luz de um sol que abrasa,  
Um passaro pairando...  
Leques — uma aza  
E outra, voando...

Longe, oscillando, em lucta incerta  
Contra a procella,  
Um velho barco, uma aza aberta  
Em cada vela...

Volta o passaro á verdura,  
O barco ao porto, e morre o dia...  
O mar anseia, o céu fulgura,  
Fecha as azas, fantasia...

## MENSAGEIRA

Ave que pousas junto a mim, cantando,  
D'alva ao romper e ao declinar do dia,  
Não me agrades com tanta melodia,  
Antes de ires ao ponto onde te mando...

Não errarás, por certo, acompanhando  
Meus pensares; na longa travessia,  
Te servirão de alento, amparo e guia;  
Repousa onde elles forem repousando...

Entrega-lhe esta carta, e, se orvalhada  
Chegar-lhe ás mãos conforme te entreguei  
E ella indagar-te como foi molhada,

Beija-lhe a bocca e dize-lhe: não sei;  
E por mais que ella insista, ave adorada,  
Não lhe confesses nunca que eu chorei...

## BEMDITA PRISÃO

Preso a um fio de linha, ao pé da mesa,  
Achei-me um dia, pena que revela,  
De minha mãe, prendendo-me, a tristeza,  
E a raiva que em silencio tive della...

Hoje, crente, medindo-lhe a pureza  
D'alma, agora no céu, pura e singela,  
Lembro a prisão, na magua da certeza  
De não gozar mais outra como aquella...

De olhos presos no céu, preso por ella  
Que além, na altura, resplandece, presa  
A's mãos de Deus que o seu destino vela;

Emvez de ao fio da saudade accessa,  
Quisera ser, com a mesma raiva della,  
Preso a um fio de linha, ao pé da mesa...

## SAUDADE

Saudade — amor, suspiro, ai que se evola  
A vibrar, a gemer, na aza do vento;  
— Desejo, anseio, alento, desalento,  
— Consolação de quem se não consola;

Saudade — pranto que se desenrola  
Nas contas do rosario — sentimento,  
Onde reso constricto, ancioso, attento,  
Na dor que o ser me fere, punge, estiola;

Saudade eterna, eterna desventura  
Que alimentando matas, claridade  
Envolta ás sombras de uma noite escura;

Tu que me levas á passada idade,  
Conduze-me ao luzeiro onde fulgura  
O doce affecto que perdi, saudade...



## KERMESSES

(IN MEMORIAM)

— Dá-me o teu braço, venturosa Amada,  
Vamos á festa, voemos ás kermesses;  
La pelo espaço em doce revoada,  
Bailam essencias de doiradas messes!

Vamos... rindo e cantando; dá-me o braço,  
Tambem do Amor, alli as andorinhas,  
Mesmo no Azul, na esphera azul do espaço  
Construiram chilrando as barraquinhas...

E minh'Amada, penserosa, e triste,  
(Não sei porque...) acompanhou-me então!  
E eu lhe dizia: — alguma cousa existe  
Que assim te arranca a paz do coração!

— Nada é, marchemos... E de braço dado  
Fomos cantando nosso amor baixinho...  
E relebrando idyllios do passado,  
Fomos rindo tambem pelo caminho...

E lá chegamos; tudo era alegrias  
Flores e fitas, risos e Vestaes!  
Cantavam pelo espaço symphonias  
Soltas ao vento, em doidas espiraes.

Mostrei-lhe, uma por uma, as barraquinhas,  
Ricas de prendas, de elevado preço.  
— Eu quero ver a tal das andorinhas,  
Achas talvez, que vel-a, eu não mereço?...

— Sim... vou mostrar-t'a, é ella a preferida  
Entre todas, e tão original...  
Mas, precisas viveres outra vida;  
Se queres, vem commigo, ao Ideal!

No aureo bergantim do Pensamento,  
Singrando a lympha azul da Phantasia,  
Eu e Ella buscámos, de momento,  
A barraca do Amor e da Poesia!

Erguido estava alli, o Pavilhão,  
Envolto em gase fina e branquejante!  
Tinha a forma ideal do Coração,  
Cheio de amor, que trago palpitante

E minh'Amada alegre e satisfeita,  
Rompendo a gase fina e branquejante,  
Penetrou no Sanctuario, aonde eleita  
Já vivia su'Alma triumphante!...

E as prendas separando com cuidado,  
Uma a uma, fallou-me graciosa:  
— Que mimo é este? É este enamorado  
Lyrio que treme, de beijar a rosa?...

— Lyrios e rosas, trescalando essencia,  
Bem symbolisa o nosso Amor... Supponho  
Que como a flor, assim na florescia  
Bem vive o nosso amor, tal como um Sonho...

— E esta fina gaze verde — mar?  
Como do mar, tem ella a semelhança!  
— E' um pedaço de nuvem que a adejar,  
Vive em minh'alma — fulgida Esperança!

— Esta, é talvez um amphora doirada...  
Disse rindo: — Bem vês que advinhei...  
— Guarda a essencia espiritualizada,  
Do nosso amor, Querida... — Sim, já sei!...

E palpitante e cheia de receio,  
Olhando-me de furto, a minh'Amada,  
Na alvura virginal do morno seio  
Agasalhou a amphora doirada...

— Isto, é uma clepsidra, não é verdade?  
— E' isto mesmo delicado Lyrio!  
Marca o tempo, que olho com saudade  
Da casta floração do meu delirio...

— E este album de fólio transparente  
De folhas roseas, de perfume fartas?  
— Guarda o que eu guardo cuidadosamente  
Lembranças tuas: — um milhão de cartas!

Depois, um ramalhete de ouro e prata,  
Um lindo ramalhete em fingimento.  
— Tem espinhos, a Dor elle retrata,  
E' o meu porta-ciume — o meu Tormento!

E minh'Amada sem temer espinhos  
Aquella prenda, soffrega beijou,  
Dizendo: — Quero amor, quero carinhos,  
E esta prenda tambem... — Depois guardou.

Curiosa, foi vendo tudo mais:  
Aqui, uma Illusão; um Sentimento;  
Dores e Magoas, Lagrimas e Ais;  
Que collecção enorme de Tormentos!

Olhou depois, um cofre verde-gaio,  
E extatica se fez, rubra de pejo...  
Houve um silencio, e quasi n'um desmaio  
Segredou-me — Bem sei... é aquelle beijo...

— Sim, é elle; conservo-o alli, Querida,  
Rodeiado do amor e da caricia,  
Que me dispensas, me alongando a vida,  
O beijo mensageiro da Primicia...

— Dize-me agora rútila Rainha,  
Que te parece, o nosso Pavilhão?  
Tu que me dizes dessa barraquinha?  
Barraquinha, que é meu Coração!

Fez silencio. — E mettendo a mão no seio  
D'alli tirou a amphora doirada,  
Que occultara com o maior receio,  
E disse então: — Pertence a tua Amada!

— E esta, — disse mostrando o ramalhete,  
Não ficará contigo, meu Amado:  
Tu não deves guardar um estyllete  
Onde guardas, meu beijo de noivado!



Fausto de Barros

Rodrigues de Melo

Bráulio Cavalcante

Franco Jatubá

Delorizano Moraes


**FAUSTO DE BARROS**
**TEU OLHAR**

Se esse olhar que me captiva  
 Foi, p'ra mim sómente feito  
 Se a luz que me inflamma o peito  
 E' minha, de mais ninguém:  
 P'ra que negar-me essa luz  
 Que me déra a providencia  
 Se é ella minha existencia,  
 Se é ella o supremo bem?

Que importa que o mundo inveje  
 O dote que Deus me deu?  
 Este dote é meu... é meu  
 Ninguém m'o pôde roubar!  
 Se alguém o roubasse, eu ia,  
 Pelas grandezas que encerra,  
 Aos confins da terra, á terra  
 Onde o podesse encontrar!

Já vês, portanto, creança,  
 Como estimo o meu thesouro,  
 Como amo, como adoro  
 O que só eu devo amar!  
 Não sejas má, sê clemente,  
 Não me recuses, concede  
 Que sacie a ardente sêde:  
 Não me negues teu olhar.

Como eu te amo não sabes  
 Se eu te disser tu não crês,  
 Mas em meus olhos bem lêes  
 A sêde que me devora!  
 Que é preciso para amar-te?  
 Fugir do mundo e da sorte?  
 Contigo até mesmo a morte  
 Seria da vida a aurora!

Portanto, já vês, não temo  
 Os perigos mais temidos,  
 Affronto a dôr, os gemidos  
 Affronto sem reparar;  
 Mas preciso como escudo  
 Contra os embates da sorte,  
 Do luminoso transporte  
 Do teu luminoso olhar...

Vamos, não negues, é tempo,  
 Bem vês que minha alma soffre,  
 Abre, amor, o lindo cofre,  
 Abre, amor, os olhos teus...  
 Quero, de joelhos, unguido  
 Do mais sagrado respeito,  
 Illuminar o meu peito,  
 Com teus olhos que são meus!...


**Manoel RODRIGUES de MELO**

**MARIA**

Soberana dos paramos sagrados!  
 Mãe de Jesus tão cheia de esplendores!  
 E's a estancia feliz dos desgraçados  
 E o consolo final dos soffredores.

O teu amor sem manchas, sem peccados,  
 Foi o maior de todos os amores...  
 E vives como os passaros amados  
 Na graça dos perfumes e das flores.

Nossa Senhora, oh! mãe piedosa e pura!  
 Teu coração castissimo e bemdito  
 E' fonte de bondade e de ternura...

Liberta-me da dor e das mentiras;  
 Quero morrer beijando-te constricto  
 O teu manto de estrellas e saphiras.

**FAKIR**

Na solitaria paz do meu degredo  
 Onde, á sombra das arvores me amparo,  
 Guardo commigo o ultimo segredo  
 Do meu pesar immensamente raro.

A'luz da lua, ás vezes escancaro  
 As portas e janellas; e o arvoredado  
 Escondendo entre os ramos o luar claro  
 Faz-me lembrar dos homens o olhar tredo.

Ceus! que pavor! As portas e janellas  
 Fecho; e ouvindo ladrar meu cão antigo  
 Corro a affagar-lhe as patas amarellas.

O olhar do meu Fakir é tão clemente!  
 Como este cão é dedicado e amigo!  
 Ah! Como o seu olhar é diferente...


**BRAULIO CAVALCANTE**

**A FLAUTA**

Agora canta a flauta... Que ella diga  
 A nervosa blandicia de uma valsa!  
 Pela garganta de ebano, o canto alça...  
 Pois que no canto flévido prosiga!

E o som vibra pompeando sóbe, exalça  
 Numa sonata mysteriosa, amiga...  
 As torturas e as lagrimas abriga,  
 Leva-as, tal como deliciosa balsa.

Descendo um rio... Flauta, és meu caminho,  
Feito de aromas, feito de desejos,  
Onde sigo a tremer, devagarinho,  
E logo ascendo mil asperidades  
De uma montanha feita de solfejos,  
Feita de corações e de saudades...



FRANCO JATUBÁ



## ROSA DE AMOR

Rosa, Rosa de Amor; Rosa Querida e Mansa,  
De aroma virginal, emanação d'Esperança,  
Que os olhos inebria, os Sonhos esplendorá;  
Tu nasceste, a sorrir, das explosões da Aurora,  
No aljofre das Manhãs: serenas, orvalhada,  
Doce Rosa Nevada,  
Branca Rosa de Amôr!

No alegre varandim da tua casa branca,  
Como um ninho de neve,  
Onde reina o frescor de uma alegria franca,  
O teu vulto gazil passa, divino e breve....  
É's tão Branca e Louça,  
Que eu penso que tu és, tão vaporosa e leve,  
—A Estrella da Manhã!

Meiga Rosa Excelente,  
Purissima Alegria!  
No teu rosto estrelleja o Sonho alvitente  
E nos teus olhos tanto brilho anda,  
Que a noite eu tomo, convencidamente,  
Pelo clarão do Dia  
Doirando-te a varanda!

Rosa, Rosa de Amôr, lindo perfil de hebrêa,  
Castissima Senhora,  
Como o lírio de Ormuz;  
Teu rosto faz lembrar o de Nossa Senhora,  
Num horto da Judéa,  
Formosa a meditar nos olhos de Jesus...  
O teu cabelo loiro  
Lembra cordas subtis de bandolins feridos  
Por melodia d'oiro,  
De pastores que vão pastorear mugidos,  
Bem longe dos curraes...

Branca Rosa de Amor, purissima de Prece,  
O teu seio parece  
Dois límpidos Sináis  
Cobertos de vergeis,  
Como o antigo Sinái se embalsamava em flor;  
Nelles hei de subir como outr'ora Moysés,  
Nelles tu me darás, carinhos a sorrir,  
As Taboas Eternaes do teu Divino Amôr...

Rosa Casta e Feliz, Alva Rosa Dilecta,  
Nivea Flor Innocente,  
Que aos sonhos do Poëta  
Vives constantemente  
Na varanda, gazil, a sorrir e a cantar;  
Adoro-te, Formosa!  
Adoro-te, Creança!  
Porque tu és a estrella da Bonança  
A vida, a Esperança  
Que a minha vida leva... a esperar...

Si, um dia, o vendaval, que os sonhos esborôa,  
E os lyrios dos vergéis e os ninhos dismantella,  
E os Passaros magôa,  
Soprar no teu Amôr a indomita Procella  
Que ruge ao coração,  
—O immenso temporal da Dor e da Afflicção.

...Eu, de joelhos, irei, pisando nos abrolhos,  
Aos abysmos sem luz, a audacia nos meus olhos,  
Onde vive a sorrir o teu Amôr disperso  
Como o aroma a ungir o coração da flor,  
E te erguerei do pô, do pantano, Formosa,  
No Pálio do meu verso  
Rosa!  
Branca Rosa de Amôr!



DELORIZANO MORAES



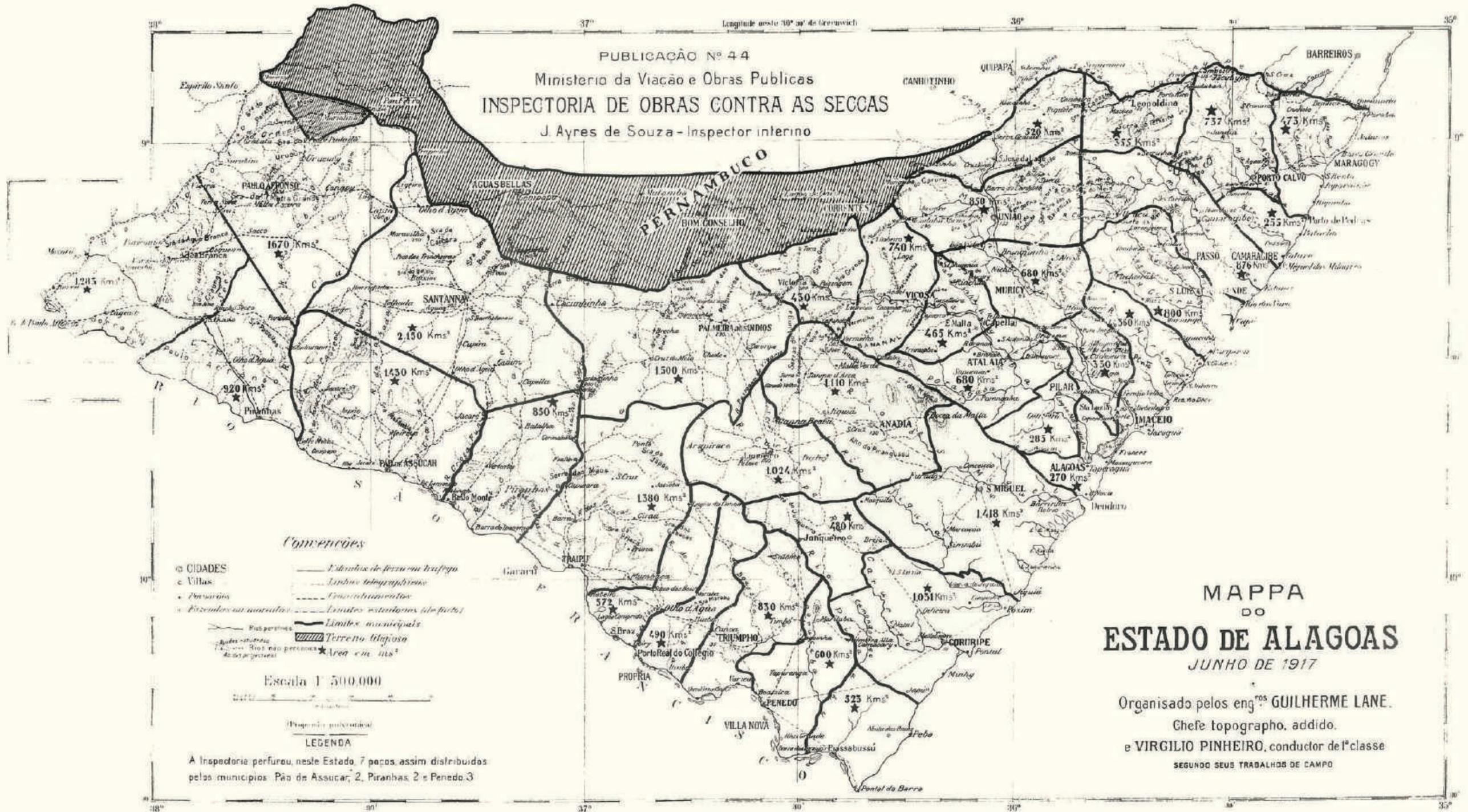
## F A'

Tu, que adoras a vida e bates as maosinhas  
ante o oceano revel e o verde da floresta,  
e que és bôa e sorris aos pobres e as criancinhas,  
has de ter para o som alguns gestos de festa.

E eu que, sempre a te amar, faço mil louvaminhas  
aos teus olhos de fada e purezas de Vesta,  
e que vivo a exemptar a estrada em que caminhas  
de vil espinho, duro escolho, ou bruta aresta;

faço questão de ser, na arte de Paganini,  
o teu guia. Pois bem; a nota que define  
o Verde, o Bello, o Amor, teu sorriso, o que está  
para ti, como a aljava está para Cupido.  
—quer seja natural, bemol, ou sustenido,—  
e a nota de velludo, a alma da escala—o Fá...





Mappa de Alagoas accrescido da parte litigiosa, trabalho dos drs. Diegues Junior e Moreira e Silva, e dos limites intermunicipaes, segundo a legislação, trabalho do dr. Carlos de Gusmão, alem da superficie approximada em Kms.<sup>2</sup>



# INDICE GERAL

<b>Noticia historica</b> . . . . .	13	10 - Leopoldina . . . . .	106
I A descoberta . . . . .	13	11 - Limoeiro . . . . .	109
II A colonização . . . . .	14	12 - Maceió . . . . .	110
III A lucta pelo dominio . . . . .	16	13 - Maragogy . . . . .	174
IV A evolução autonómica . . . . .	20	14 - Muricy . . . . .	175
V Desenvolvimento material e moral . . . . .	22	15 - Palmeira dos Indios . . . . .	177
 		16 - Pão de Assucar . . . . .	179
<b>Physiographia</b> . . . . .	27	17 - Parahyba . . . . .	182
I Morphographia . . . . .	27	18 - Paulo Affonso . . . . .	184
II Hydrographia . . . . .	32	19 - Penedo . . . . .	187
III Aerographia . . . . .	36	20 - Piassabussú . . . . .	196
IV Climatographia . . . . .	39	21 - Pilar . . . . .	197
V Geognosia . . . . .	48	22 - Piranhas . . . . .	198
VI Geogenia . . . . .	53	23 - Porto Calvo . . . . .	199
 		24 - Porto de Pedras . . . . .	202
<b>Administração</b> . . . . .	61	25 - Porto Real do Collegio . . . . .	205
a) Situação economica . . . . .	61	26 - Sant'Anna do Ipanema . . . . .	207
b) Divida interna . . . . .	64	27 - Santa Luzia do Norte . . . . .	210
c) Emprestimo externo . . . . .	64	28 - São Braz . . . . .	214
d) Prophylaxia rural . . . . .	67	29 - S. José da Lage . . . . .	214
e) Reforma constitucional . . . . .	77	30 - S. Luiz do Quitunde . . . . .	217
f) Poder judiciario . . . . .	78	31 - S. Miguel de Campos . . . . .	219
g) Instrucção publica . . . . .	81	32 - Traipú . . . . .	222
h) Obras publicas . . . . .	83	33 - Triumpho . . . . .	226
 		34 - União . . . . .	227
<b>Geographia politica</b> . . . . .	89	35 - Victoria . . . . .	230
1 - Divisão administrativa . . . . .	89	36 - Viçosa . . . . .	234
2 - Agua Branca . . . . .	91	 	
3 - Alagôas . . . . .	93	<b>Industrias</b> . . . . .	238
4 - Anadia . . . . .	94	 	
5 - Atalaia . . . . .	97	<b>Agricultura, pecuaria, assucar</b> . . . . .	267
6 - Bello Monte . . . . .	99	 	
7 - Camaragibe . . . . .	100	<b>Artes e Letras</b> . . . . .	289
8 - Coruripe . . . . .	103	a) Artes . . . . .	293
9 - Junqueiro . . . . .	105	b) Pequena anthologia dos poetas alagoanos	303

## GRAVURAS FORA DO TEXTO

Retrato do dr. FernaNdes Lima . . . . .	11	Esquadra do C. R. B. . . . .	151
Uma canôa do S. Francisco . . . . .	25	Riacho Doce . . . . .	159
Capoeirão . . . . .	37	Cachoeira de Paulo Affonso . . . . .	171
Açude de Fernão Velho . . . . .	49	Cidade de Paulo Affonso . . . . .	185
Cachoeira do Mundabú . . . . .	59	Penedo . . . . .	193
Salão Nobre do Palácio do Governo . . . . .	69	Trecho de caatinga . . . . .	203
Panorama da Cachoeira de Paulo Affonso . . . . .	79	Propriedade da Usina Leão . . . . .	211
Instalações da Fabrica da Pedra . . . . .	87	Paulo Affonso - Queda Baiana . . . . .	223
Canal da Lagôa Mundabú . . . . .	95	Ponta de Coruripe . . . . .	231
Conjuncto de Paulo Affonso . . . . .	107	Cachoeira de Paulo Affonso . . . . .	241
Maceió Colonial e vista panoramica . . . . .	111	Usina Serra Grande . . . . .	279
Praça Deodoro da Fonseca . . . . .	123	Cabeça de Índio . . . . .	291
Praça Floriano Peixoto . . . . .	131	La charge . . . . .	301
Ponte de embarque . . . . .	141	Carta de Alagôas . . . . .	in fine

# INDICE ALPHABETICO

- A**
- Aerographia . . . . . 36  
Administração . . . . . 61  
Água Branca . . . . . 91  
Alagôas . . . . . 93  
Anadia . . . . . 94  
Atalaia . . . . . 97  
Academia do Letras . . . . . 120-121  
Almeida Maques & C. . . . . 153  
Associação Commercial . . . . . 118-150  
Alberto Mello . . . . . 162  
Arsenio Fortes . . . . . 169  
Agricultura-Assucar . . . . . 267  
Artes e Letras . . . . . 289  
Alves de Amorim . . . . . 312  
Aristheo de Andrade . . . . . 315  
Augusto de Oliveira . . . . . 317  
Augusto Andrade . . . . . 333  
Augusto Galvão . . . . . 83  
Adriano Jorge (Prof.) . . . . . 129  
Agripino Ether . . . . . 349  
Almeida Lins . . . . . 340
- B**
- Bello Monte . . . . . 99  
Banco de Alagôas . . . . . 155  
Barão de Maceió . . . . . 137  
Bernardes Junior . . . . . 150  
Braulio Cavalcante . . . . . 353
- C**
- Colonização . . . . . 14  
Climatographia . . . . . 41  
Camaragibe . . . . . 100  
Coruripe . . . . . 103  
Companhia Agro Fabril Mercantil 238,  
239, 240, 243, 244, 245  
Companhia Alagoana de Fiação de  
Tecidos . . . . . 246, 247, 248, 249  
Companhia o Progresso Alagoano . 248,  
249, 250, 251, 252  
Companhia S. Miguel . . . . . 252, 253, 254  
Companhia União Mercantil . 255, 256,  
257, 258  
Companhia Industrial Penedense . . 258,  
259, 260  
Companhia Pilarense Fiação e Tecidos . 265  
Cravo & C. . . . . 264  
Companhia Cortume Alagoano . . 266  
Cyridião Durval . . . . . 309  
Correia de Oliveira . . . . . 328  
Castro Azevedo (dr.) . . . . . 81  
Clodoaldo da Fonseca (general) . . . 85  
Companhia Trilhos Urbanos . 266-267  
Cypriano Jucá . . . . . 337  
Clovis de Hollanda . . . . . 348  
Condições meteorologicas . . . . . 42
- D**
- Descoberta . . . . . 14  
Deodoro da Fonseca (Marechal) . . . 21  
Dr. Messias de Gusmão . . . . . 22  
Desenvolvimento material e moral . . 22  
Divida interna . . . . . 64  
Divisão administrativa . . . . . 89  
Duque de Amorim & C. . . . . 154  
Dispensa familiar . . . . . 166  
D. Jonas Batingas (Bispo) . . . . . 192  
D. Manoel Lopes (Bispo) . . . . . 115  
Dias Cabral (J. F.) . . . . . 125  
Delmiro Gouveia . . . . . 239  
Delorizano Moraes . . . . . 354
- E**
- Evolução autonómica . . . . . 20  
Emprestimo externo . . . . . 64  
Engenho Castanha . . . . . 273  
Engenho Buenos Ayres . . . . . 286  
Engenho Seridó . . . . . 42-274  
Espindola (dr. Thomaz) . . . . . 143  
Ezechias da Rocha . . . . . 340
- F**
- Finanças de Maceió . . . . . 146  
Ferreira Santos & C. . . . . 150, 164, 165  
Fundição Alagoana . . . . . 161, 162  
Fernandes Lima Filho . . . . . 169  
Fabrica Alexandria . . . . . 254-255  
Fabrica de oleos . . . . . 260, 261, 262  
Fabrica de Sabão . . . . . 262, 263, 264  
Fabrica S. Margarida . . . . . 264  
Fabrica Estrella do Norte . . . . . 265  
Fazenda Água Branca . . . . . 268-283  
Fazenda Valparaíso . . . . . 272-281  
Fazenda Buenos Ayres . . . . . 275  
Francisco Leão . . . . . 138  
Freitas Melro (dr.) . . . . . 65  
Firmino Vasconcellos . . . . . 66  
Floriano Peixoto (Marechal) . . . . 110  
Francisco Menezes (dr.) . . . . . 127  
Fausto de Barros . . . . . 353  
Franco Jatubá . . . . . 354  
Francisco Domingues . . . . . 23
- G**
- Governadores na Republica . . . . . 23  
Geognosia . . . . . 48  
Geogenia . . . . . 53  
Geographia politica . . . . . 89  
Goulart & C. . . . . 157  
Gado censado . . . . . 276  
Guimarães Passos . . . . . 305  
Goulart de Andrade . . . . . 321  
Guedes Lins (dr.) . . . . . 128
- H**
- Hydrographia . . . . . 32  
Humidade . . . . . 44
- I**
- Instrução publica . . . . . 81  
Imprensa de Maceió . . . . . 116  
Indicador Commercial de Maceió . . 150  
Iona & C. . . . . 168  
Industrias . . . . . 238  
Ignacio de Barros Leite . . . . . 330
- J**
- Junqueiro . . . . . 105  
José Simons & Sobrino . . . . . 166  
José Brasileiro . . . . . 169  
Julius Von Söhsten & C. . . . . 173  
José Paulino . . . . . 296  
Julio Auto Cruz Oliveira . . . . . 323  
Jorge de Lima . . . . . 325  
Jayme d'Altavilla . . . . . 329  
João Barafunda . . . . . 335  
Jacintho Mendonça (Dr.) . . . . . 139
- L**
- Luta pelo dominio . . . . . 16  
Leopoldina . . . . . 106  
Limoeiro de Anadia . . . . . 109  
Lima Silva & C. . . . . 154, 165, 166, 173  
Leuzinger Dietker & C. . . . . 155  
Loureiro, Barbosa & C. . . . . 155  
Loja America . . . . . 161  
Leão & C. . . . . 162, 173, 266, 267  
Leão, Irmãos . . . . . 210, 277, 278, 281, 282  
Lima Junior . . . . . 331  
Luiz Silveira . . . . . 73  
Lobão Filho . . . . . 339
- M**
- Maceió . . . . . 110  
Maia Gomes & C. . . . . 166  
Maragogy . . . . . 174  
Muricy . . . . . 175  
Mirian Lima . . . . . 295  
Matheus de Albuquerque . . . . . 319  
Moreira e Silva (dr.) . . . . . 27  
Messias de Gusmão . . . . . 76  
Mendonça Martins (senador) . . . . 85  
Miguel Palmeira (Comm.) . . . . . 117  
Machado de Mello (Conego) . . . . 134  
Moreno Brandão . . . . . 345

<b>N</b>	
Noticia historica . . . . .	13
Morphographia . . . . .	27
Nova Aurora . . . . .	161
Navegação do S. Francisco . . . . .	54

<b>O</b>	
Orographia . . . . .	28
Otavio Gomes . . . . .	335-336

<b>P</b>	
Phisiographia de Alagôas . . . . .	27
Prophilaxia rural . . . . .	67
Poder Judiciario . . . . .	78
Pressão atmospherica . . . . .	43
Pluviosidade . . . . .	44
Peixoto & C. . . . .	163
Pedro de Almeida . . . . .	166
P. C. Vilella & C. . . . .	173
Palmeira dos Indios . . . . .	177
Pão de Assucar . . . . .	179
Parahyba . . . . .	182
Paulo Affonso . . . . .	184
Penedo . . . . .	187
Piassabussú . . . . .	196
Pilar . . . . .	197
Piranhas . . . . .	198
Porto Calvo . . . . .	199
Porto de Pedras . . . . .	202
Porto Real do Collegio . . . . .	205
Propriedades ruraes . . . . .	269
Peixoto & C. . . . .	163, 229, 260, 261, 262
Pequena Anthologia . . . . .	303

Pedro Paulino (Coronel) . . . . .	113
Pontes de Miranda (dr.) . . . . .	119
Paulino Santiago . . . . .	341
Povina Cavalcante . . . . .	338

<b>R</b>	
Reforma constitucional . . . . .	77
Rodrigues Cardoso & C. . . . .	153
Rosa Borges & C. . . . .	166-168
Recenseamento do Gado . . . . .	276
Rosalvo Ribeiro . . . . .	293
Roberto Calheiros Gomes (dr.) . . . . .	145
Ranulpho Goulart . . . . .	339
Rodrigues de Melo . . . . .	353

<b>S</b>	
Salubridade . . . . .	47
Situação economica . . . . .	61
Seraphim Costa & C. . . . .	170
Sant'Anna do Ipanema . . . . .	207
Santa Luzia do Norte . . . . .	210
S. Braz . . . . .	214
S. José da Lage . . . . .	214
S. Luiz do Quitunde . . . . .	217
S. Miguel de Campos . . . . .	219
Sabino Romariz . . . . .	313
Sebastião de Abreu . . . . .	350

<b>T</b>	
Teixeira Basto & C. . . . .	155-167
Tertuliano Santos & C. . . . .	158
Trapiche Novo . . . . .	163

Traipú . . . . .	222
Triumpho . . . . .	226
Theophilo de Albuquerque . . . . .	327
Tavares Bastos (dr. A. C.) . . . . .	133
José Alexandre Passos . . . . .	143
Tiburcio V. de Arauzjo (Comm.) . . . . .	145
Theophilo dos Santos (dr.) . . . . .	145
Torquato Cabral . . . . .	352
Taurino Baptista . . . . .	340
Tito de Barros . . . . .	351

<b>U</b>	
União . . . . .	227
Usina Pindoba . . . . .	274
Usina Leão . . . . .	43, 277, 278, 281, 282
Usina Serra Grande . . . . .	281, 282, 283, 284
Usina Apollinario . . . . .	281-284
Usina Santo Antonio . . . . .	284-285
Usina Oliveira . . . . .	286
Usina S. Semeão . . . . .	56-286
Usina Santa Regina . . . . .	286-287
Usina Brasileiro . . . . .	288
Usina Esperança . . . . .	51-175
Usina Campo Verde . . . . .	281

<b>V</b>	
Vasconcellos & Vasconcellos . . . . .	161
Victoria . . . . .	230
Viçosa . . . . .	234
Virgilio Mauricio . . . . .	297-298
Valor dos propriedades . . . . .	269
Visconde de Sinimbú . . . . .	135
Virgilio Guedes . . . . .	338







ASSEMBLEIA LEGISLATIVA  
**ALAGOAS**  
A VOZ DO POVO